

Para politizar o mundo das coisas

Thiago Machado Balbi

LEMOS, A.

A comunicação das coisas:

teoria ator-rede e cibercultura.

São Paulo: Annablume, 310 p., 2013.



Resumo: Esta resenha apresenta *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*, de André Lemos, levantando seus principais aspectos. Em constante diálogo com a teoria de Bruno Latour, além de outros autores com afinidades, Lemos oferece ao leitor brasileiro mais do que um livro sobre cibercultura, ele oferece uma profunda reflexão sobre a comunicação e hibridização entre as pessoas e as *coisas*, isto é, humanos e não-humanos, ao tratar das consequências políticas, éticas e pedagógicas dos híbridos na sociedade.

Palavras-chave: teoria ator-rede; cibercultura; híbridos; rede sociotécnica; Bruno Latour.

Abstract: *To politicize the world of things* – This review presents *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura* [*The communication of things: Actor-network theory and cyberculture*], by André Lemos, raising its key aspects. In a constant dialogue with Bruno Latour's theory, and other like-minded authors, Lemos offers to Brazilian readers more than a book about cyberculture, but a deep reflection about communication and hybridization between people and *things*, namely, humans and non-humans, dealing with the political, ethical and pedagogical consequences of the hybrids in society.

Keywords: actor-network theory; cyberculture; hybrids; socio-technical networks; Bruno Latour.

“Humanos se comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não” (p. 19). Assim começa o último livro de Lemos, *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. Como esclarece o próprio título, trata-se de uma reflexão sobre a cultura digital. Entretanto, está no mesmo título – e também na citação inicial – o sinal de que a obra se propõe a ir além da chamada cibercultura, contribuindo para uma reflexão sobre a variedade de hibridizações com as quais, progressivamente, a humanidade vem se deparando.

Lemos é um representativo pesquisador da cibercultura no Brasil, com cerca de 15 livros publicados sobre o tema. É conhecido, sobretudo, por seus trabalhos sobre as mídias locativas¹ e as implicações da cibercultura no ambiente urbano. No entanto, a particularidade de *A comunicação das coisas* reside mais na expressão *teoria ator-rede* (TAR)² do que no termo cibercultura. Essa teoria, que tem como expoente o sociólogo e filósofo Bruno Latour, vem despertando cada vez mais interesse em diversas áreas científicas, sobretudo entre as ciências humanas, uma vez que se trata de análise do social que se propõe substituir por uma *sociologia das associações*, como define Latour.

O trabalho de Latour desenvolveu-se em torno da sociologia da ciência em atividade laboratorial e no envolvimento com esse tema o autor identificou a ineficácia da proposta de *purificação* (LATOURE, 2009) pela chamada modernidade, ou seja, da distinção ontológica entre natureza e sociedade, entre sujeito e objeto. Segundo o autor, a modernidade pouco purificou e, com efeito, fez proliferar uma grande quantidade de híbridos, de quase-objetos/quase-sujeitos:

vamos dizer apenas que os quase-objetos quase-sujeitos traçam redes. São reais, bem reais, e nós humanos os criamos. Mas são coletivos, uma vez que nos ligam uns aos outros, que circulam por nossas mãos e nos definem por sua própria circulação. São discursivos, portanto, narrados, históricos, dotados de sentimento e povoados de actantes com formas autônomas. São instáveis e arriscados, existenciais e portadores de ser (LATOURE, 2009, p. 88).

Assim, a obra de Lemos, seguindo os autores da TAR, parte de uma *ontologia plana*, isto é, do pressuposto que tanto humanos, quanto não-humanos – as *coisas*, objetos em geral, leis, fenômenos da natureza, inovações científicas, etc. – podem agir e/ou promover ações. Os humanos e os não-humanos são, portanto, actantes que formam redes, visto que esses não-humanos também “nos induzem a coisas que não podemos deixar de fazer,

¹ “Mídias locativas são tecnologias de comunicação e informação, bem como serviços correlatos baseados na localização dos dispositivos. O uso de *smartphones*, GPS, redes sem fio (Wi-Fi, 3G ou *bluetooth*), realidade aumentada, etiquetas de radiofrequência (RFID), M2M (*machine to machine* ou internet das coisas), entre outros, estão transformando a forma como a sociedade consome, produz e distribui a informação no espaço urbano” (p. 201).

² “A teoria Ator-Rede (TAR) [Actor-Network theory (ANT)] nasceu no âmbito dos Estudos de ciência e tecnologia (STS), sendo estabelecida nos anos 1980 por Bruno Latour, Michel Collon, Madeleine Akrich, John Law, Wiebe Bijker, entre outros. Ela é também conhecida como ‘sociologia da tradução’ ou ‘sociologia da inscrição’” (p. 34).

aqui e acolá, acolá e depois. Não vivemos sem eles” (p. 20). É isso que diferencia a *sociologia das associações*³ daquela, mais tradicional, que Latour entende por *sociologia do social*.

O destaque para as associações aponta, não obstante, para uma teoria do social pensada através da formação das redes sociotécnicas e, portanto, “sem colocar, de antemão, os humanos no centro da intencionalidade” (p. 23). Nesse sentido, Lemos ressalta que “na expressão ator-rede, o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é a rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (p. 23).

A *comunicação das coisas* se desenvolve ao longo de sete capítulos, e os dois primeiros se voltam para uma explicação profunda e eloquente sobre a TAR. No primeiro capítulo, Lemos monta, passo a passo, uma detalhada explicação do léxico da TAR, que propõe a partir de seus principais termos: *actante, mediador, intermediário, tradução, inscrições/rastros, ontologia plana, rede, controvérsia, caixa-preta, essência, etc.*

Após o detalhamento desses termos, Lemos aponta algumas contribuições da TAR para o campo da comunicação, sobretudo para o jornalismo e para a pesquisa empírica com fins acadêmicos: a oferta de um método capaz de superar os abismos ontológicos entre natureza, sociedade e discurso; a necessidade de não se abandonar o empírico em favor de estruturas estanques e a ênfase no mapeamento das redes de actantes mobilizados numa ação específica são algumas dessas contribuições. O capítulo é finalizado com a apresentação de uma perspectiva *pós-TAR*, relativa ao último trabalho de Latour, *An Inquiry Into Modes of Existence* (2013), que pretende ampliar e valorizar o papel das associações e das redes.

Ao longo do primeiro capítulo, Lemos vai familiarizando o leitor com o vocabulário da TAR, que será utilizado exaustivamente nos capítulos seguintes, o que deixa claro que cada termo possui sua especificidade na elaboração de uma *Cartografia de Controvérsias*, ou seja, na estratégia metodológica adotada pela TAR:

onde há estabilização, só há intermediários. Onde há controvérsias, há mediadores, actantes. Consequentemente, a CC [*Cartografia de Controvérsias*] pode ser entendida como um método de pesquisa para revelar as mediações, como uma versão aplicada e didática da TAR (p. 105-106).

É esse o tema do segundo capítulo do livro. O momento da controvérsia é, conforme a TAR, aquele em que a formação da associação fica visível, quando se distinguem os mediadores, aqueles que promovem as ações, dos intermediários que apenas

3 Conforme Latour, na sua introdução à teoria do Ator-Rede, a sociologia pode partir de duas abordagens fundamentais. A primeira, a *sociologia do social*, tem origem em Émile Durkheim e é aquela que predomina hoje, até mesmo para o senso comum. A segunda, a *sociologia das associações* – que é inclusive anterior à primeira –, baseia-se no trabalho de Gabriel Tarde. Na primeira, *grosso modo*, o social e a sociedade são tomados como explicações dos fenômenos, tanto sociais quanto de outras disciplinas, como a economia, a geografia, as artes, o direito. Já a segunda é exatamente o oposto, é o social que deve ser explicado, uma vez que está sempre sofrendo mudanças, inovações que alteram os fenômenos sociais (LATOUR, 2012).

transmitem informações. As relações entre eles resultam em redes sociotécnicas que podem se estabilizar nas chamadas *caixas-pretas*, ou podem se manter instáveis como controvérsia. No primeiro caso, os rastros das associações ficam ocultos na estabilidade dos intermediários, no segundo, os rastros são apreensíveis nas ações provocadas pelos mediadores/actantes.

As operações de identificação e apreensão desses rastros dependem, todavia, do olhar atento do pesquisador. Uma vez identificados, esses rastros – ou indícios de ações – podem ser articulados pelo pesquisador num relato, textual ou imagético, a fim de mapear os actantes mobilizados nas associações em questão. É esse mapeamento que os autores da TAR chamam de *Cartografia de Controvérsias*.

Lemos abre algumas *caixas-pretas* ao oferecer exemplos sintéticos de controvérsias um tanto banais, como o papel do gandula em uma partida de futebol, o carro da *Google* que dirige sozinho, os vazamentos de informações do *Wikileaks*, entre outras. Com explicações e exemplos simples, o autor prepara o terreno para os capítulos seguintes, que abordam controvérsias mais complexas, envolvendo recentes inovações no campo da cultura digital.

No terceiro capítulo, Lemos faz uma reflexão sobre as novas formas de ler, “visualizando a controvérsia sobre materialidade, mobilidade, original e cópia em jogo com o surgimento dos livros e dispositivos eletrônicos de leitura” (p. 145). Conforme o autor, essa nova realidade da prática de leitura, baseada nas variadas modalidades de *e-readers*, está mudando definitivamente as “formas de produzir, distribuir e armazenar conhecimento” (p. 151).

No quarto capítulo, é a vez de examinar o impacto das mídias sociais e dos dispositivos móveis nas articulações políticas de movimentos sociais, sobretudo nos eventos que ficaram conhecidos como *primavera árabe*. Nesse momento, Lemos ressalta que a “TAR é herdeira da teoria ecológica de McLuhan” (p. 160), mas dela se distingue ao considerar que “o meio não é extensão, mas constituição do homem” (p. 161). Assim, as mídias sociais e os dispositivos móveis não são apenas uma expansão das capacidades humanas, mas se trata, com efeito, de “mediação, hibridização, tradução e associação” (p. 164) entre humanos e não-humanos.

No quinto capítulo, o autor aborda o tema que predomina em sua obra, isto é, as mídias locativas e seus impactos no ambiente urbano. A fim de elucidar o espaço como *rede*, formado por “processos midiáticos de espacialização” (p. 175), Lemos coloca a TAR em diálogo com outras teorias, que apresentam algumas afinidades, mas também divergências, como a “Ontologia Orientada a Objetos (OOO) de Harman, o correlacionismo de Quentin Milillassoux e da teoria do ‘*assemblage*’ (agenciamento) de Manuel DeLanda” (p. 178).

Em relação às controvérsias, Lemos propõe uma abertura das *caixas-pretas* dos mapas – os tradicionais, miméticos e que tendem a generalizações – ao tencioná-los com as *cartografias colaborativas*, possibilitadas pelos dispositivos digitais. Os mapeamentos

colaborativos, salienta Lemos, “permitem a produção de camadas discursivas mostrando actantes em ação” (p. 217).

Nesse sentido, os mapas digitais – em que o usuário não apenas lê, mas, sobretudo produz – são propícios para a utilização da TAR. Outro aspecto levantado pelo autor é o que ele chama de *cidade algoritmo*, considerando, para além dos aparatos arquitetônicos e urbanísticos, “as coisas eletrônicas, os fluxos em redes, os dados, os sensores, as câmeras, os aplicativos, os dispositivos e todos os não humanos que nos fazem fazer coisas” (p. 232).

A noção de *cidade algoritmo* é o gancho para o sexto capítulo, no qual Lemos aborda um assunto ainda pouco discutido, devido a sua novidade, a chamada *Internet das Coisas* (IoT)⁴. Esse é o momento em que a *comunicação das coisas* é levada às últimas consequências, visto que a questão dos não-humanos ganha mais complexidade. Conforme a TAR, “todo objeto é social. Ele comunica de alguma forma, troca e se associa” (p. 254). Com a IoT, entretanto, os objetos passam a se comunicar de forma mais concreta, de modo que eles podem emitir informações e dados de um para outro.

Consequentemente, o desafio é tentar compreender como as novas funções dos objetos nos colocam em causa, ou seja, nos interessa pensar menos na coisa enquanto coisa do que na coisa como aquilo que coletivamente produz tensão e perceber como o “*matter of fact*” transforma-se em “*matter of concern*”. (p. 240-241)

A prioridade nas *questões de interesse*, em relação às *questões de fato*, é de extrema importância para a TAR, visto que dela emergem as “questões morais, éticas, políticas, pedagógicas” (p. 241) dos processos de mediação e delegação nas associações. A TAR, por sua vez, mostra-se adequada para promover uma *politização* do mundo das coisas, tanto das coisas com atributos tecnológicos – que emitem dados para outras coisas –, quanto de qualquer outra coisa que, de uma forma ou de outra, são coisas *não sociais*, que influenciam diretamente no que se entende por sociedade.

Articulando a TAR com outros autores, entre eles Heidegger, Agamben e aqueles já mencionados, Lemos oferece ao leitor brasileiro uma obra que detalha e debate fortemente as controvérsias abordadas no livro. É nesse sentido que *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura* é mais que um livro sobre cultura digital, visto que se direciona, também, ao leitor interessado em saber mais sobre a TAR e sobre o trabalho de Latour, isto é, para o leitor interessado nas causas e efeitos políticos da comunicação das coisas.

No sétimo capítulo, Lemos publica uma instigante entrevista com Bruno Latour em sua última visita ao Brasil, em agosto de 2012, abordando sobretudo o tema de seu último livro, *An inquiry into modes of existence*. Trata-se de um diálogo denso e animado

⁴ “A *Internet das Coisas* (IoT) é um conjunto de redes, sensores, atuadores, objetos ligados por sistemas informatizados que ampliam a comunicação entre pessoas e objetos (sensor no carro avisando a hora da revisão, por exemplo) e entre os objetos de forma autônoma, automática e sensível ao contexto (o sensor no carro alertando sobre acidentes no meu caminho). Objetos passam a ‘sentir’ a presença de outros, a trocar informações e a mediar ações entre eles e entre humanos” (p. 239).

sobre a TAR, gambiarras, rastros, história, algumas cidades brasileiras e como os *modos de existência* podem ampliar a atuação da TAR.

Thiago Machado Balbi é *designer* gráfico, ilustrador, membro do Grupo de Pesquisa Espacc (Espaço-Visualidade/ Comunicação-Cultura) e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

thiagobalbi@gmail.com

Referências

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012, 400 p.

_____. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2009, 152 p.